

Sociedade em transformação: educação em conflito

Elma Júlia Gonçalves de Carvalho

Departamento de Teoria e Prática da Educação, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil.

RESUMO. Com base no pressuposto de que a educação expressa os acontecimentos e as alterações de uma dada sociedade, defendemos a tese de que a educação, seja ela formal ou não, sistematizada ou não, é tão cheia de percalços quanto a vida fora do universo escolar. Procuramos comprová-la analisando a educação como um aspecto inerente à totalidade contraditória das relações humanas, ou seja, ultrapassando as limitações da particularidade da prática pedagógica. Voltamos à Grécia, por meio de seus poetas, filósofos e historiadores, como um exercício para tentarmos compreender como as lutas/conflitos de uma época, que envolvem o conjunto da sociedade, introduzem-se também na educação, suscitando dúvidas e indefinições sobre o fazer educativo.

Palavras-chave: contradição, educação, dúvidas, sociedade.

ABSTRACT. Society in transformation: education in conflict. Based on the presupposition that education expresses deeds and changes in society, we consider that formal or non-formal, systemized or non-systemized education is froth with trouble. It is similar to life outside the school. We would like to prove this thesis by analyzing education as an aspect inherent to the contradictory totality of human relationships. This means that education must go beyond the limitations of the particularities of pedagogical practice. A return to classical Greece times, with their poets, philosophers and historians, is an exercise for the understanding of how the struggles and the conflicts of that period, involving society as a whole, invaded education, while doubts and indefinities on the education practice were raised.

Key words: contradiction, doubts, education, society.

Ignorando o que se passa na prática social, ou seja, que a mesma é permeada por dúvidas, conflitos e antagonismos, os profissionais da área educacional não costumam apresentar o processo de educar como luta ou como um trabalho pleno de contradições.¹ Pelo contrário, em grande maioria, livros didáticos ou textos educacionais, destinados à formação de docentes, apresentam uma visão *higienizada* da educação, ou seja, mostram-nos as mudanças no ensino nos vários períodos de desenvolvimento da sociedade como sendo tranquilas, processadas sem grandes transtornos, encaminhadas, geralmente, por líderes da política, filósofos, intelectuais e pedagogos. É como se isso não estivesse relacionado com as mudanças ocorridas na sociedade, com conflitos e problemas de ordem econômica, de trabalho, de sobrevivência,

de conhecimento, de princípios e de valores sociais que envolvem a todos e que dão dinamismo e movimento à história.

Falar sobre a educação sem expor claramente seus conflitos e os problemas da sociedade é querer dar linearidade ao que é impreciso e conflituoso. Nos livros ou textos contemporâneos, as análises que mostram um progresso constante na educação, sem mostrar as contradições inerentes ao próprio desenvolvimento das sociedades, revelam ingenuidades pedagógicas que muitas vezes nos envolvem.

Por isso, nosso objetivo nesse texto é analisar a educação como uma esfera de tensões, onde todos os indivíduos estão envolvidos. Em particular, propomo-nos a examinar os processos pedagógicos por meio das mudanças sociais ocorridas na Grécia Antiga, aprendendo, com seus poetas e filósofos, a falar sobre as coisas próprias de seu tempo, sem a intenção de torná-las mais agradáveis ao ouvido ou

¹ O único problema que parece existir para a maior parte dos que militam na área da educação ou do ensino formal é a repetência e a evasão.

ao coração do que realmente eram para os homens de então.

Ao retomar os textos escritos na Grécia da Antiguidade, constatamos que os autores gregos refletiam sobre uma realidade problemática, em busca de soluções para as dificuldades geradas pela troca ou substituição de valores que vão se perdendo nas idas e vindas das transformações sociais. A *pólis* ateniense, ao atravessar os séculos, enfrentou mudanças no seu modo de vida, nos costumes e nas aspirações dos cidadãos. As novas gerações foram perdendo sua marca antiga e deixando de se conduzir por valores como, por exemplo, disciplina, respeito às leis, aos laços familiares, à tradição e à crença. Isso conduziu às dúvidas e inseguranças inevitáveis quanto à educação das novas gerações. Forças sociais opostas, divididas entre o *velho* e o *novo*, não visualizavam o futuro com nitidez, o que tornava difícil qualquer orientação.

A educação ateniense do século V a.C. caracterizou-se, nesse sentido, por dúvidas como estas: a) *o que ensinar em um mundo onde as transformações se sucedem?* b) *para que ensinar?*

Marcos para a velha e a nova educação. A sociedade grega, organizando-se diferentemente ao longo dos séculos VI e V a.C., passa por períodos pedagógicos diferentes, os quais, para fins de comparação e estratégia didática, chamamos de *educação velha* e *educação nova*. Mesmo concordando com Mossé sobre a dificuldade de se estabelecer uma cronologia segura dos acontecimentos políticos ou dos feitos civilizadores relativos à “Época Arcaica” (Mossé, 1989:211), por *educação velha*, em nosso estudo, compreendemos a do período em que a economia fundiária sustenta o poder da oligarquia que era, então, hereditário. O pensamento é ainda marcado pelo mito. As teogonias e cosmogonias explicam o mundo de forma religiosa. A ordem da *pólis* aristocrática é assegurada pela crença nos *deuses*, pela reprodução dos costumes, por intermédio da autoridade dos mais velhos, que regulam cerimônias, crenças, relações, atividades, diversões e atos públicos. A *educação velha*, em Atenas, portanto, é entendida como a que tem o seu apogeu antes da *Idade de Ouro*, de Péricles, ou do *Período Clássico*.

Com o *Século de Péricles* começaria o período da *educação nova*. Um marco dessa *Idade de Ouro* é a organização da *Liga de Delos* em 477 a. C., pela qual Atenas vai garantir para si um tributo de mais de 200 cidades súditas e um fluxo de prata até então nunca visto. Inúmeros acontecimentos mudam a vida dos atenienses. A economia transfere-se do campo para o Pireu, passando a ser dominada pelos comerciantes,

principalmente estrangeiros, e a política sai das mãos dos aristocratas para as dos comerciantes ricos e, depois, para o povo nas Assembléias.

As *Reformas* de Efialtes (462 a.C.) e o governo de Péricles (461-429) garantem a nova forma que a sociedade assume. Esse último encaminha uma série de medidas políticas que concretizam o afastamento dos homens dos comportamentos arcaicos. Por exemplo, ele assumiu a causa popular marcando, claramente, a divisão entre povo e aristocracia. Conforme nos conta Plutarco. (Plutarco, 1991:317). Péricles, que recusava convites para banquetes ou para reuniões com amigos antigos, afirmou-se pela eloquência, ofereceu muitas festas aos cidadãos comuns e embelezou a cidade com monumentos. Foi amigo pessoal de Protágoras (486-376 a.C.),² filósofo importante de sua época, acusado de heresia, o que nos revela a complexidade dos embates político-religiosos.

Diferentemente da *Época Arcaica*, os acontecimentos, no *Século de Péricles*, alteram radicalmente a vida das pessoas e sucedem-se com maior rapidez. O ritmo das transformações estende-se à produção intelectual, pois essa rapidez precisa sempre ser imediatamente interpretada para que os homens possam buscar o melhor. É nesse aspecto que se pode entender as preocupações com o que ensinar e para que ensinar. Na *Idade de Ouro*, em que a sociedade não é mais organizada por práticas e princípios aristocráticos, mas por princípios democráticos, opiniões e práticas que se contrariam é o que não falta e, por isso mesmo, aparecerão nos caminhos que a educação vai tomar nessa fase. Crescem as dúvidas sobre os comportamentos mais corretos a serem adotados pelos homens. Por isso mesmo, não se pode interpretar a educação desse período apenas como brilhante ou como a melhor de todas as já ministradas em séculos anteriores. Não se pode referir a esse último período educacional apenas com elogios, pois, como em qualquer outro momento histórico, ele caracterizou-se por realizações humanas contraditórias tanto na política como na economia, na cultura como nos aspectos morais.³

Sem estabelecer como definitivos o começo e o fim, ou melhor, a duração da *velha educação grega (ateniense)* ou da *nova educação*, assumimos que a crise ou o confronto entre as duas perspectivas

² Protágoras é considerado o Pai da Retórica, ou organizador do discurso que vai caracterizar a fase áurea da democracia, que consiste na arte da persuasão política.

³ Muitos textos sobre a educação em Atenas, na Grécia Clássica, elogiam sobremaneira o século de Péricles, comparando-o com outros, e afirmam estar a qualidade educativa desse período na *liberdade de ensinar e aprender*, descontextualizando as práticas sociais ou idealizando o regime democrático.

educacionais devem ser pensados nos limites do século V a.C. Os pontos de referência para nosso estudo, entretanto, são a organização social do século VI a.C. e o declínio da democracia grega em paralelo ao avanço da Macedônia no século IV a.C. Esses marcos permitem analisar as oposições entre as formas diferentes de pensar a educação próprias de cada período. Interessamo-nos, portanto, pelo que acontece inicialmente no século V a.C., cujos homens pautam-se nos valores já existentes, formados em séculos anteriores, e acompanhamos seu desenvolvimento, quando as contradições do novo modelo de vida e de educação começam a se revelar com maior profundidade e frequência, principalmente a partir da Guerra do Peloponeso.

Princípios da velha educação: alguns pressupostos do embate. O *antigo modelo educacional*, que estamos opondo ao novo, antecede à formação plena da figura social do *cidadão*.⁴ Para fins didáticos, consideramos esse período anterior ao do homem da *pólis* democrática a partir do momento em que houve uma redução significativa dos poderes do Conselho de Aristocratas, em 460 a.C. Assim, o *antigo modelo educacional* a que estamos nos referindo corresponderia, de modo geral, à *Época Arcaica*.⁵

Mesmo sabendo que esse modelo educacional pode ser (re)dividido, mesmo sabendo que o modelo educacional da *Época Arcaica* não foi igual em todos os lugares nem em todas as Cidades-Estado, podemos associá-lo às seguintes práticas sociais: a) preocupação e/ou defesa sistemática do coletivo gentílico, do *oikos*;⁶ b) importância dada à hereditariedade, ao direito de sucessão, à continuidade da família; c) respeito aos costumes tradicionais, à moral da gens; d) preservação da autoridade doméstica, do patriarcalismo, dos direitos do poder paternal; e) religiosidade doméstica e/ou culto dos mortos da mesma família; f) compreensão do mundo e dos homens principalmente pelo raciocínio mítico; g) valorização da atividade

guerreira, vista como atividade cívica; h) preservação do sistema de valores próprios da aristocracia, como honra, valor, espírito de luta; i) cultivo da poesia, do canto, do manejo de instrumentos musicais e da força e beleza física como formação necessária ao civismo.

As práticas do *Período Arcaico* podem ser vistas em outra escala em relação à necessidade de respeito aos mais velhos, às pessoas da família, da moderação no comportamento, principalmente diante das autoridades. Consequentemente, deveria haver preocupação com o andar, o olhar, as expressões do rosto, as atitudes diante das mulheres e dos idosos na *ágora*,⁷ a moderação nos prazeres e na bebida. Ser educado era andar em silêncio e com olhos baixos. Educar seria ensinar os jovens a dominar suas paixões, suas emoções, seus instintos, ou seja, induzir ao comedimento dentro das relações instituídas, que garantem o homem certo para uma sociedade familiarmente constituída.

Na *educação antiga*, o que era certo já estava definido pela tradição, não era objeto de especulações. Para não errar, bastava ser cordato com as verdades já conhecidas. Não era necessário muita conversação, pois, para que os homens fossem vencedores nas guerras, bastava serem treinados pela precaução e discrição. Nos laços da prudência, da lealdade e da confiança mútua forjava-se o homem da sociedade arcaica. Nos rituais religiosos, educava-se para a honra, para a honestidade entendida nos quadros da defesa da sua terra, de seus mortos, de sua tribo. Nas festas ou nos banquetes, ensinava-se a sociabilidade, o tratamento adequado aos hóspedes, o prazer da lira, da música, da narração dos poemas tradicionais que estimulavam o civismo. A flauta era também o instrumento do campo de batalha assim, como a poesia. A poesia desenvolvia-se no seio da aristocracia como instrumento versificado de valorização do herói.

A *pólis* aristocrática é a mestra do homem arcaico, é a fonte da velha educação. É ela que pode nos dar o entendimento da educação lembrada por Platão, para quem a importância dos exercícios físicos e da ginástica residia na possibilidade de os cidadãos ficarem “*com o corpo em melhores condições de servir o espírito virtuoso, sem virem a ser forçados, por fraqueza de constituição, a revelar covardia, tanto na guerra como em situações idênticas*” (Platão, 1980:62, v.326c). Segundo Platão, movimentos ordenados são importantes para a educação do homem guerreiro, cuja função era a defesa do coletivo, e, por isso, pouco valor se atribuía ao indivíduo em si. O importante era formar

⁴ Segundo Nagel, o *cidadão* grego surge como uma figura social e visto de modo individual, independente da propriedade comum do solo, dos laços de parentesco, desligado do trabalho coletivo, das obrigações religiosas familiares, dos costumes e tradições da comunidade gentílica. Torna-se cidadão quando é transformado no único responsável pela reprodução da sua própria sobrevivência, pelos seus atos e pelo seu destino. Sua figura vai se tornando mais precisa à medida que se torna, por normatização, um *homem político*, ou seja, aquele que tem o direito (como qualquer outro) de administrar a justiça e/ou exercer as funções públicas.

⁵ Sem desconhecer as diferenças, não pretendemos entrar na discussão da educação homérica ou hesiódica. Da mesma forma, não pretendemos analisar as diferenças entre educação espartana e ateniense.

⁶ Em sentido lato quer dizer a casa, ou seja, o domínio familiar e todos aqueles que nele vivem.

⁷ Lugar onde os gregos se reuniam e faziam as assembleias do povo.

um corpo *unificado* para a defesa da *pólis* contra inimigos externos.

Diz Platão que

os professores de cítara envidam esforços para deixar temperantes os meninos e desviá-los da prática de ações más. Depois de haverem aprendido a tocar cítara fazem-nos estudar as criações de outros grandes poetas, os líricos, a que dão acompanhamento de lira, trabalhando, desse modo, para que a alma dos meninos se aproprie dos ritmos e da harmonia, a fim de que fiquem mais brandos e, porque mais ritmados e harmônicos, se tornem igualmente aptos tanto para a palavra como para a ação. Pois em todo o seu decurso, a vida do homem necessita de cadência e harmonia. (Ibid.:62, v.326a-b).

Quanto às danças armadas, explicava Platão

que elas eram necessárias por um lado, os movimentos destinados a evitar os vários golpes desferidos de perto ou de longe atirar-se de lado, recuar, saltar, baixar-se e, por outro lado, os movimentos opostos, os que induzem os comportamentos ofensivos e tentam imitar o tiro ao arco ou arremesso do dardo ou o gesto de desferir um golpe qualquer (Vernant, 1994:67).

Assim, a música e a dança eram componentes essenciais de muitas atividades, entre elas a animação de festas religiosas, durante as quais a cidade celebrava seus valores, envolvendo toda a comunidade. O ensino de música e canto tinha também o objetivo de integrar os jovens alunos ao elogio coletivo da cidade. (*Id. Ibid.:92-3*).

A *educação antiga*, preocupava-se com indivíduos patriotas, guerreiros, virtuosos, honrados, respeitadores das leis e da justiça, da autoridade, das tradições religiosas, da família. Preocupava-se com a formação de indivíduos cujas virtudes estavam na disciplina, na solidariedade, na cooperação, na submissão, na ordem, na vigilância, na honestidade, na honra. Esses eram os valores que teriam garantido, inclusive, a expulsão dos persas e a supremacia ateniense sobre o mundo grego. O mérito da *velha educação* foi ter formado os vencedores de Maratona, (Aristófanes, 1988:103-4).

Mas quais seriam os preceitos para os herdeiros dos heróis de Maratona? Quais foram as condições criadas pela vitória e quais as novas exigências educacionais? Nesse novo patamar de vitórias e conquistas, seria necessário o guerreiro disciplinado, o patriota prudente, o homem de família silencioso, leal e solidário? Quais seriam as formas de comportamento que o homem da cidade deveria adotar diante das novas relações sociais?

Princípios da nova educação: alguns pressupostos do embate. Os herdeiros da vitória

de Maratona, no séc. V a.C., transformaram Atenas em uma democracia. Essa forma de governo exigia ampliação da participação popular no governo e um novo comportamento do cidadão: o *bem falar*. A palavra era um instrumento de participação na elaboração e promulgação das leis, nos julgamentos, na solução de conflitos; enfim era a nova arma para a vida dos homens independentes. Precisava-se do discurso fluente para expor com sucesso as próprias idéias ao público, para justificar as decisões políticas, para conquistar riquezas, honra e poder. Por tudo isso, a eloquência passa a ser a mola do governo democrático.

Um outro aspecto decisivo para que a retórica se tornasse essencial na sociedade grega do séc. V a.C. foi o desenvolvimento do comércio, da administração, da justiça e das relações diplomáticas. A intensificação do comércio tornou o homem grego um cidadão do mundo, para manter as relações comerciais era necessário parlamentar com os outros povos; para viabilizar a comercialização e o lucro, seduzindo e convencendo compradores, tornava-se cada vez mais necessário o *bem falar*. O *bem falar* também era indispensável aos processos jurídicos que se acumulavam no regime democrático e substituíam a justiça administrada pela própria família. Na expansão dos horizontes e das relações diplomáticas, muitos argumentos tornaram-se fundamentais para estabelecer acordos de paz, ratificar tratados, notificar a guerra, fazer alianças, defender e assegurar os interesses econômicos. Muitos discursos e debates foram necessários para defender os destinos da pátria. Falar com fluência e estar atualizado nos problemas das cidades eram requisitos importantes para as novas necessidades sociais, se compararmos com as expectativas de comportamento da forma antiga de viver e de se relacionar dos gregos. A figura do sofista (não a do guerreiro, a do ruralista, e/ou a do legislador) passou a receber maior importância, sendo identificada como aquela que tinha poder, que era digna de ser vista como modelo social. Diante dessa nova realidade, a educação pelo discurso aparecia aos gregos como um dos caminhos possíveis para a ascensão social e para enfrentar seus problemas econômicos e políticos, internos e externos.

Para obter o resultado prático de se tornar um bom retórico, o estudo ou o treinamento era essencial. O domínio da retórica, que com o tempo tornou-se uma disciplina independente, era um atributo que exigia uma série de competências, como: a) ter uma formação cultural mais ampla para aumentar a capacidade argumentativa; b) possuir conhecimento primoroso da língua para estar seguro

de que o discurso estava formalmente perfeito; c) dominar a gramática para conhecer os meandros da língua e falar com correção; d) ter conhecimento perfeito da argumentação para escolher bem os termos; e) ser hábil na seleção das idéias e na organização do pensamento como condição elementar para um discurso persuasivo e convincente. Todos esses conhecimentos eram fundamentais para o orador. Pela primeira vez, o discurso deixou de ser uma manifestação espontânea: surgia a consciência de que, para usá-lo de forma a obter o maior sucesso possível, era necessário toda uma técnica. A partir disso, a importância dos sofistas aumentou.

Em *As Nuvens*, por meio de *Estrepsíades*, personagem que busca adquirir esses novos conhecimentos para solucionar seus problemas, Aristófanes nos faz observar o quanto são desejados os conteúdos propagandeados pela educação sofística. Nessa sociedade, onde a justiça e a política estão a se organizar pela habilidade individual de vencer, persuadir e debater, a retórica é uma arma fundamental. Nos Tribunais é a forma de vencer os processos judiciais, nas Assembléias serve à conquista da simpatia e aprovação popular. Dessa forma, àquele que pretenda ascender politicamente é indispensável falar bem, saber convencer. Por isso, a expectativa social e política dirige-se para a formação do cidadão falante. É por intermédio do poder do discurso, transformado em uma verdadeira arte, que o homem encontra uma forma de intervir na sociedade e atingir seus objetivos de triunfo pessoal. Nessas circunstâncias, o conhecimento primoroso da língua, juntamente com o conhecimento da argumentação perfeita, permitem ao homem vencer e demover opiniões a seu favor.

Revelando as formas com as quais os homens lutam, Aristófanes induz-nos a perceber a necessidade de a *escola* abandonar seus ensinamentos antigos e instituir uma nova prática, pois tudo aquilo que era valorizado no passado não corresponde mais aos novos interesses que dominam a sociedade ateniense. Os ensinamentos emergentes, expressando as transformações sociais, transformam-se, na condenação de muitos, em um meio de os indivíduos obterem rendimentos.

Corifaios:
Dentre em pouco, milhares de clientes
À tua porta irão bater, pedindo,
Mendigando, implorando os teus serviços
E os teus conselhos, para defendê-los
Em pleitos judiciais, que muitas vezes
Correspondem a quantias colossais. (...)(Aristófanes,
1988:79).

A educação, que era antes um dever ético-social e estava acima de qualquer interesse individual, passa a ser um meio para obtenção de vantagens pessoais, para obtenção de rendimentos. Isso representava o abandono dos valores tradicionais, do respeito aos costumes, às tradições, aos valores políticos de preservação do coletivo como maior meta. Substituindo as preocupações políticas com o todo por preocupações com o próprio indivíduo, a educação favorecia o desenvolvimento da burla, da espoliação, do oportunismo, da ambição, do egoísmo, do individualismo, contra os quais muitos gregos se insurgiam.

Aristófanes, 30 anos antes de Platão e mais de 60 anos antes de Aristóteles (384-322 a.C.), via com clareza a transformação ou dissolução da velha cultura grega. Chamava a atenção para as conseqüências práticas dessa nova concepção de mundo, de homem e de conhecimento, acentuando a falta de escrúpulos com que a arte da argumentação oral era empregada. Em *As Nuvens* desfere críticas mordazes à educação nova, condena o comportamento dos novos pedagogos e deixa claro que os considera uns “*tapeadores da opinião pública*” e “*corruptores da mocidade*”. (Aristófanes, 1984:84-8, vs.889-928). A discordância sobre o que seria necessário à formação do homem estava estabelecida. Perguntamo-nos: qual o sentido de críticas tão ferinas aos sofistas ou aos educadores nessa peça?

Ele poderia considerá-los elementos co-responsáveis pela decadência que se observava na sociedade, pois, vistos por ele como ambiciosos, os homens passaram a desrespeitar os valores e costumes tradicionais, a justificar os seus comportamentos a partir do uso da retórica, a convencer a opinião pública conforme seus interesses e não de acordo com leis e políticas de interesse de todos. Por isso, condenava a nova educação, acusando-a de corromper a juventude, deturpar a moral e subverter os valores. Suas críticas implicam na condenação dos vícios dessa nova forma de educação e, por conseqüência, na valorização do seu contrário.

A crítica de Aristófanes dá-nos indicativos do não cumprimento das normas mais gerais da sociedade⁸ e de como a educação perde sua função tradicional. O conflito entre as regras e a subjetividade é grande. Em *As Nuvens*, confronta as duas formas de educação. Se o *raciocínio justo* valoriza as leis, os costumes, as convenções sociais, só pode dispor-se a

⁸ Os homens violam as leis e as sentenças pronunciadas pelo Estado não têm mais força. São burladas e infringidas pelos indivíduos.

ensinar os jovens a odiar os debates fúteis na *ágora*, os banhos públicos, a se envergonhar da conduta considerada inadequada pelos mais velhos, a honrar os deuses, os heróis e os antepassados, a desenvolver corpos robustos e saudáveis.

A nova educação, caracterizada por Aristófanes como o “raciocínio injusto”, refuta as vantagens da educação antiga e apresenta as vantagens da nova. Contra as reflexões a favor da educação antiga, o *raciocínio injusto* faz uso de todos os recursos da sofística e, por meio do uso de argumentos maliciosos e eloqüentes, orgulha-se de ter descoberto meios de contradizer as leis diante dos tribunais, de defender as causas mais difíceis, de contrariar o já definido pelas normas e, ainda assim, sair vencedor, conquistando, além disso, polpudas recompensas. Ao contradizer seu adversário, utilizando-se da retórica, ataca as leis e os costumes, mostrando-os quão deficientes são para garantir a vida na cidade. Desprezando as normas e os valores coletivos, valoriza os interesses particulares, mostrando em que consiste ser bem sucedido em Atenas à época da Guerra do Peloponeso.

A refutação das idéias da educação antiga põe em relevo o novo tipo de homem resultante da nova prática social. Esse homem, cada vez mais preocupado consigo mesmo, negador da antiga filosofia e contrário à lei para todos e à justiça universal, é o grego bem sucedido de meados do século V a.C. O comportamento do indivíduo como um *ser ético-político*, preocupado com as relações harmônicas e comedidas entre os homens, está *fora da moda*, fora das necessidades/exigências mais avançadas daquele momento. *Estar na moda* é ser norteado por sua própria natureza, seus próprios desejos, instintos ou necessidades. Os homens não estão mais preocupados em promover a justiça para manter a harmonia e o bem estar de todos os cidadãos. O que interessa ao novo tipo de homem é a garantia imediata do sucesso pessoal na luta pela sobrevivência.

Nesse período, os conteúdos escolares refletem embates e posições diferentes. Os conteúdos educativos podem servir tanto para ajudar a manter, ou a salvar, a antiga forma de vida, como para garantir a existência de novos comportamentos. Nessa luta, de um lado, os valores mais coletivos, mais tradicionais, tornam-se motivo de *gozação*.

Injusto: (Ed.Nova)

Xi! São velharias do tempo das Dipolias, coisas cheias de cigarras, de Cecides e de Bufônias⁹ ...

Injusto: (A Feidípides)

⁹ “coisas arcaicas, fora de moda”. Aristófanes. **As Nuvens**, 1996:272).

Meu rapaz, se você lhe obedecer nisso, sim, por Dionísio, parecerá aqueles porcos-filhos de Hipócrates¹⁰ e vão chamá-lo de “filhinho da mamãe”... (As Nuvens, 1996:272, grifos nossos).

O antigo discurso do dever é ridicularizado porque não é suficiente para garantir qualidade de vida aos indivíduos no contexto das novas relações. No entanto, por outro lado, a retórica, estimulada, também era digna de chacota, pois esperava-se resolver graves problemas econômicos e sociais através de artimanhas parlatórias. De qualquer maneira, aprender a ser moderno era, contraditoriamente, condição de segurança pessoal.

Estrepsíades:

Aí, desgraçado de mim! Então o que será de mim? Pois vou morrer, porque não aprendi a virar língua!¹¹ Ó Nuvens, aconselhai-me alguma coisa de útil! (Id. Ibid.:261, grifos nossos).

Dada uma certa tendência histórica, mesmo o homem que nega a mudança sabe que precisa mudar. O novo introduz-se tanto na vida material como na vida espiritual do homem. No processo de luta pela vida, o homem tem que abrir mão da sua forma anterior de sobrevivência e transformar-se, dedicar-se a uma outra atividade não sem temores nem ansiedades, mas como condição de permanecer vivo em sociedade.

Em *As Nuvens*, ao satirizar a educação ateniense, Aristófanes lembra que a formação desejada é aquela que consiste em preparar o homem para, individualmente e de forma criativa, encontrar soluções para os seus problemas. A peça fala-nos da passagem da vida rural para a vida da cidade. *Estrepsíades*¹² é um camponês que se vê obrigado a se ajustar às *manias da pólis*, que ele não consegue entender. A cidade, apesar de ser a única alternativa para o camponês, contraditoriamente, não dá condições de sobrevivência a este aldeão rústico e não adaptado às condições da vida urbana, onde a moeda, as trocas, o lucro, a astúcia nos negócios lhe são muito estranhos. Mas *Estrepsíades* precisa incorporar essa realidade. A educação, ministrada pelos sofistas, representava para este cidadão um meio para ajustar-se à vida urbana, para poder assumir novas atitudes e desfazer-se de tudo aquilo em que sempre havia acreditado.

A retórica é necessária ainda que as dúvidas sobre sua pertinência se mantenham. A retórica impõe-se

¹⁰ “sobrinhos de Péricles, que eram ridicularizados pela pouca inteligência (...) Trocadilho: os porcos eram o símbolo da estupidez.” Id. Ibid:273.

¹¹ “alusão às sutilezas da linguagem sofística” (Id. Ibid: 261).

¹² “Estrepsíades significa o mau pagador” (Aristófanes. **As Nuvens**, 1988:135).

até aos que a negam, mas isso não quer dizer que seja considerada a melhor educação para a sociedade. As dúvidas sobre qual a melhor educação para os gregos são recorrentes nos textos da época. Os gregos discutem exaustivamente o que seria melhor: a formação do homem cívico ou o treinamento do indivíduo, habilitado para a realização de seus desejos privados, imediatos? A moderação tem ou não utilidade? Valoriza-se a moral ou a retórica?

A dúvida, sempre manifestada pelos gregos ao longo dos anos da *educação nova*, corresponde às incertezas típicas do ato de educar. Entre as incertezas e indefinições educacionais estão as perguntas sobre o que ensinar, cujas respostas são tradicionalmente divergentes entre si quanto ao modelo a ser escolhido.

Na valorização da moderação ou da temperança está o medo de que o afrontamento às leis traga conseqüências muito funestas para os gregos. Os defensores da legislação são os que mais propõem a moderação e a temperança como um ato interior necessário para a melhor convivência na *pólis*. Eles concordam que deve existir uma força coercitiva exterior, no caso as leis, e uma educação com base na obediência às normas externas. A adesão consciente e racional às normas permitiria um convívio e uma harmonia sociais capazes de conservar tudo o que a sociedade já conquistara, como condição básica para o próprio homem ser homem feliz.

Xenofonte (430-352 a.C.), em *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates*, toma a temperança como o “mais valioso dos bens” a ser adquirido pelos homens, pois considera-a o “cimento da virtude”. Ao definir sua importância pergunta “sem ela como definir o bem e praticá-lo dignamente”. (Xenofonte, 1996:77).

Tanto Platão como Aristóteles opunham-se aos caminhos que a educação tomava na Atenas democrática. Para Platão, por exemplo, a retórica, por não ser uma ciência ou ainda não ter se transformado como tal, persuadia os homens de forma prejudicial à cidade. Tendo como crivo para definir o que era justo ou injusto apenas a consciência individual dos homens, ela representava a defesa do particular pelo particular. O que era imposto era o poder do convencimento e não a própria veracidade da questão.

Xenofonte conta-nos que Sócrates, tendo em vista este problema, recomendava que o ensino da retórica não fosse desvinculado do ensino da filosofia, pois esta era uma forma de manter uma perspectiva de análise do bem em maior profundidade, o que poderia assegurar caminhos com conseqüências sociais menos danosas.

Não se apressa em fazer seus discípulos hábeis no falar, haver-se e excogitar-se expedientes. Antes de tudo cria necessário tangê-los à trilha da sabedoria.

Sem a sabedoria dizia os que possuem esses talentos só podem ser mais injustos, mais poderosos para o mal (In: Sócrates, 1996:175, grifos nossos).

Recuperando, em nossa interpretação, a noção de conflito no fazer pedagógico, a retórica, de um ângulo de visão, pode ser uma saída pragmática para os problemas individuais e, de outro, apresentar-se como uma alternativa problemática, causadora de desassossegos. É principalmente a preocupação com o futuro social que move os discursos que se põem contra essa *nova mania*.

As dúvidas são dos pais, dos mestres, dos sábios. De quem obter respostas aceitáveis para todos? Em *Pluto*, peça escrita em 388 a.C. por Aristófanes, o personagem *Crêmilo* vai consultar o oráculo para saber o tipo de educação que ele deve oferecer ao filho, se a educação à maneira tradicional ou a nova educação. (Aristófanes, 1989:21-2, vs.27-37).

O que convém ensinar? Essa pergunta de Aristófanes ecoa em outras épocas que também enfrentam processos de transformação profunda. Existe um conhecimento que, por ser válido para a maioria dos homens, pode ser generalizado pela educação ou, de fato, sendo o homem a medida de todas as coisas, o saber é mera subjetividade?

Essa indagação, que não nos é estranha, mobiliza-nos a afirmar que o palco onde a educação se desenrola é o do movimento das oposições e contradições sociais. Essas, por sua vez, desdobram-se como companheiras de concepções diferentes de mundo.

O que pretendemos até aqui ter deixado claro é que a transição de uma forma social para outra implica sempre o conflito entre valores, comportamentos e costumes, passados e presentes, que são diferentes e até mesmo opostos. Desse conflito resulta, necessariamente uma posição de indefinição. Diante disso, perguntamo-nos: pode-se falar em um caminho claro, para todos, quanto ao *quê ensinar e como ensinar?*

Retomando a nossa intenção em discutir essas questões, lembramos que nossos contemporâneos costumam discutir a educação no interior da própria escola, apenas nos limites dela mesma. Considera-se aí o ensinamento como um processo evolutivo, no qual a proposta pedagógica mais moderna (a última) é vista como aquela que contempla o maior número de verdades ou de acertos. O *velho* aparece como rançoso, arcaico. O *novo* como atualizado e solucionador de problemas. O embate social que dá vida aos ensinamentos nunca aparece nos textos

contemporâneos e é isso que quisemos recuperar trazendo os depoimentos dos que viveram com plena consciência a outra época.

Do que vimos conseguimos perceber que duas posições sobre educação estão em choque permanente na Grécia Clássica, principalmente a partir do desenvolvimento do regime democrático. Não nos atrevemos a filosofar sobre as duas formas de luta (que conseguimos apreender dos embates travados pelos pensadores dos séculos V a.C. IV a.C.) porque nem seria este o nosso objetivo. No entanto, propomo-nos a sistematizar um pouco as idéias que mais claramente se opõem na prática educacional daqueles tempos.

Os termos *educação velha e educação nova*, de fato, não podem ser entendidos apenas como expressando algo em desuso ou uso, algo ineficiente ou eficiente, respectivamente. Esses termos devem nos aproximar da preocupação em ver a sociedade em meio a um processo de mudanças constantes. Eles devem favorecer a identificação de atividades que, aparecendo na sociedade, são elementos polêmicos. Devem nos remeter, também, para a constatação das formas distintas de ver o mundo dos homens; devem nos ajudar a captar as formas divergentes de agir e de pensar que convivem em um mesmo espaço de tempo, sustentadas pelas próprias contradições sociais.

Sem levar pelo caminho da moral, da ética ou da política qualquer um destes pontos de partida, queremos lembrar que a cada um deles corresponde uma série de procedimentos didáticos que, obrigatoriamente, se contrariam. O embate entre concepções antagônicas ou entre propostas pedagógicas divergentes torna-se muito acirrado porque os homens também sabem que suas opções por determinadas atitudes trazem resultados práticos para a sociedade. As escolhas dos mestres implicam em conseqüências para os jovens e para a sociedade do futuro. A transmissão de valores sempre enfrentará uma luta, pois uma concepção tentará suplantar a outra.

Diante disso, voltamos ao nosso problema e perguntamos: podemos desconsiderar os conflitos sociais no desenvolvimento de uma sociedade? Podemos desconsiderar os antagonismos quando tratamos da educação? A educação pode ser

examinada como se não fosse um processo contraditório, como se caminhasse linearmente, de modo evolutivo, sem contradições?

Referências

- ARISTÓFANES. *As nuvens*. Rio de Janeiro Tecnoprint, 1988.
- ARISTÓFANES. *As nuvens*. In: SÓCRATES. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores).
- ARISTÓFANES. *As nuvens*. 2. ed. [S.l.]: Inquérito. 1984. (Clássicos Inquérito).
- ARISTÓFANES. *Pluto*. (A Riqueza). 2. ed. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1989. (Textos clássicos, n.11)
- ARISTÓTELES. Organon: elencos Sofísticos. In: ARISTÓTELES. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 61-116 (Os Pensadores).
- MOSSÉ, C. *A Grécia Arcaica de Homero a Êsquilo (Séc. VIII-VI a C)*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- NAGEL, L.H. Hesíodo: poesia e intencionalidade educativa. *Boletim de Estudos Clássicos*, Coimbra, v. 32, p. 27-35, 1999.
- NAGEL, L.H. Reflexão filosófica ou interpretação pedagógica?: Mimeses e narrativa no pensamento antigo. In: SIMPÓSIO DE FILOSOFIA ANTIGA. 2., 1996, Itatiaia. *Anais...* Itatiaia: 1996. p.15-21.
- PLATÃO. *Diálogos*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores).
- PLATÃO. *Górgias*. Belém: Universidade Federal do Pará, v.3-4, p. 109-219, 1980.
- PLATÃO. Protágoras. In: PLATÃO. *Diálogos de Platão*. Belém: Universidade Federal do Pará, v. 3-4, 1980, p. 43-107, 1980.
- PLATÃO. Teágenes. In: PLATÃO. *Diálogos de Platão*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980. v.10, p. 233-247.
- VERNANT, J.-P. *O homem grego*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- PLUTARCO. *Vidas paralelas*. São Paulo: Paumape, 1991. v.1.
- XENOFONTE. Ditos e feitos memoráveis de Sócrates. In: SÓCRATES. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 53-198 (Os Pensadores).

Received on December 11, 2000.

Accepted January 23, 2001.